



# “SE É SEMPRE OUTONO O RIR DAS PRIMAVERAS”: GÊNERO, PODER E BIOGRAFIA EM UMA ANÁLISE FOUCAULTIANA

“SE É SEMPRE OUTONO O RIR DAS PRIMAVERAS”: GENDER, POWER AND BIOGRAPHY UNDER A FOUCAULTIAN ANALYSIS

**Marília Garcia Boldorini\***  
**Roberta Barros Meira\*\***  
**Taiza Mara Rauen Moraes\*\*\***

\* mariliaboldorini@gmail.com  
Mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade pela Universidade da Região de Joinville (Univille), especialista em Revisão de Textos em Língua Portuguesa pela Universidade Cândido Mendes e graduada em Letras (Língua Portuguesa e Língua Inglesa) pela Univille.

\*\* rbmeira@gmail.com  
Doutora em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Docente do Programa de Pós-Graduação Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille.

\*\*\*moraes.taiza@gmail.com  
Doutora em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Docente do Programa de Pós-Graduação Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille.

**RESUMO:** Este artigo trata do gênero textual biografia como um discurso literário, ou seja, um conjunto de obras literárias de reconhecido valor estético que fixa tradições e costumes de épocas e culturas. As reflexões são dirigidas para as inúmeras teias de disputas entre narradores e biografados. Às mulheres, frequentemente, por exemplo, ficava vedado o acesso ao domínio da memória. Nesse sentido, foi discutida a narrativa *Primavera em pleno outono: a jovem Olívia faz 80 anos!*, de Wilson Gelbcke. Como a personagem central da obra é uma mulher, buscou-se tratar da questão de gênero e de como ela se situa narrativamente, bem como a precária representatividade feminina na

literatura, reflexo do fenômeno chamado de concorrência de memórias e do pensamento ocidental predominante. A análise pauta-se em Michel Foucault, no texto *A ordem do discurso*, que propõe a investigação das configurações de saberes relacionando poder e conhecimento como formas de controle social, aspectos investigados na análise da biografia, e a exploração da linguagem como construtora de mundo.

**PALAVRAS-CHAVE:** literatura brasileira; biografia; análise do discurso; Wilson Gelbcke.

**ABSTRACT:** This article is about the textual gender biography as a literary speech, i.e., a group of literary books of a perceived aesthetics value that fixates traditions and habits from times and cultures. The thoughts are directed to many disputes between narrators and the biography subjects. To women, frequently, for example, it was forbidden the access to the memory domain. So, it was discussed the narrative *Primavera em pleno outono: a jovem Olívia faz 80 anos!*, by Wilson Gelbcke. As the central character from the book is a woman, the gender issue was also discussed, as well as the few female representativeness on the literature, reflection of a phenomenon called memory competition and of the predominant Occidental thought. Michel Foucault's experience on the text *Fearless speech* was brought considering the knowledge configuration and the relationship between power and knowledge as a social control way, examined items on the analyses of the biography, and the language exploration as constructor of the world.

**KEYWORDS:** Brazilian literature; biography; discourse analysis; Wilson Gelbcke.

\*

## 1 INTRODUÇÃO

Vivemos num tempo em que a reivindicação por seu próprio espaço é latente, o que faz com que o sujeito sinta o desejo e a necessidade de deixar sua marca no mundo, como se essa marca fosse a única forma de confirmar sua existência. Não basta, contudo, fazer-se lembrar em sua contemporaneidade; é preciso que sua imagem, história e feitos sejam perpetuados com o passar de gerações.

Um modo de se fazer lembrar e de não se deixar esquecer é por meio dos livros de memória, que abarrotam as prateleiras

das livrarias, todos querendo contar histórias, virtuosas ou não, de indivíduos escolhidos a ser rememorados naquelas páginas. Entre tais livros, aparece o gênero textual biografia, um dos mais populares atualmente e presente muitas vezes nas listas dos mais vendidos, quando um indivíduo desponta por si próprio ou por algum feito grandioso para a sociedade.

O mercado editorial, aquecido pelo gênero biografia, atende a um público ansioso por consumir memórias de figuras públicas, principalmente aquelas que sobressaem na atualidade. Essa proliferação de livros de memórias no mercado editorial pode ser explicada por Huyssen, que constata que a nossa cultura está obcecada com a memória e teme o esquecimento. Assim, faz questão de registrar tudo, como uma forma de manter o passado sempre presente. São os espectros do passado assombrando a sociedade e articulando, pela via do deslocamento, um medo crescente do futuro, num tempo em que a crença no progresso está profundamente abalada. Por isso o passado está vendendo mais do que o futuro, essa seria uma hipótese para a grande procura por biografias nos dias de hoje. Outra proposição consiste no que chamamos de adentrar na vida alheia, já que o gênero literário dá essa oportunidade ao leitor, leitor este que geralmente precisa imiscuir-se em questões íntimas ou particulares do indivíduo biografado a fim de confirmar a admiração que sente.

A biografia consiste em uma narrativa oral, escrita ou visual dos fatos particulares das várias fases da vida de uma pessoa. Em termos etimológicos, a palavra biografia vem do grego *bios*, que significa vida; *graphein*, escrever; e *ia* é a partícula formadora do substantivo abstrato. Então, biografia constitui a escrita da vida.<sup>1</sup>

A questão fundamental do estudo da biografia é o fato de, por intermédio dela, ser possível fazer uma análise macroestrutural da sociedade e dos quadros explicativos. O detalhamento biográfico tem a funcionalidade de ilustrar a realidade mais ampla por meio de um indivíduo que é usado como exemplo, como a imagem de uma construção social.<sup>2</sup> Ademais, a biografia é um tipo de discurso pertencente ao conjunto de obras literárias de reconhecido valor estético de um país, ou seja, a literatura. O filósofo e linguista Todorov, por exemplo, acredita que a língua, modo pelo qual se dá a literatura, não é uma ferramenta neutra, mas está impregnada de pensamentos, uma vez que descreve a realidade transmitindo uma visão de mundo.

Logo, compreender um dos instrumentos da linguagem, ou seja, a língua, é fundamental para compreender também a mentalidade do grupo que fala aquele determinado idioma, já que este é reflexo da cultura. Para Todorov, a língua determina a composição do grupo social a que pertence. Comum a milhões de pessoas, trata-se de parte preciosa da identidade

de uma nação. Pela língua se torna possível dominar os códigos comuns, os quais possibilitam entender o mundo.

Compreende-se o mundo mediante códigos, isto é, representações. Tais representações não são cópias fiéis dos fatos, nem aproximações estatísticas apenas. Dessa forma, não refletem passivamente a natureza das coisas, e sim organizam-se de maneira particular, tornando-se combinações e escolhas que poderiam ter sido diferentes, mas são aquelas por diversos motivos. Assim, a representação que temos a respeito de cultura, por exemplo, não é automática, porém fruto de uma construção que se processa a todo o momento.

Tendo em vista a ideia de representações de cultura e visões de mundo, é impossível não trazer para tal discussão as experiências teóricas de Michel Foucault, que se dedicou nos anos 1960, 70 e 80 ao estudo da noção de sujeito produzida por uma configuração de saberes, uma relação de poder e suas próprias ações. As teorias do pensador giram em torno da relação entre poder e conhecimento e como ambos são usados como forma de controle social por intermédio das instituições sociais.

Ao assumir a cátedra vacante no Collège de France, em função da morte do filósofo Jean Hyppolite, ocupante até então, 1970, da posição, Foucault passou a centrar-se em reflexões dirigidas para a expressão do discurso no tocante à história do pensamento ocidental. Em sua aula inaugural na instituição, que se tornou mais tarde a obra denominada de

1. BORGES *apud* ALMEIDA. A biografia e o ofício do historiador.

2. AVELAR. A biografia como escrita da história: possibilidades, limites e tensões.

*A ordem do discurso*, ele procurou desnudar a relação entre as práticas discursivas, de modo geral, e os poderes que as permeiam.

É interessante observar um diagnóstico inicial da produção dos discursos que circulam na sociedade desde os gregos, bem como das instituições que estão inseridas nesse processo, objetivando sempre o controle da sociedade. No decorrer da sua explanação, Foucault elenca os vários procedimentos utilizados para controlar tais discursos, comprovando que todo discurso vem travestido de desejo e de poder, afinal não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta e o poder do qual se quer se apoderar.

Considerando que o discurso literário é um dos discursos com que Foucault se preocupa, e que a literatura consiste numa das formas de descrever o grupo social e suas memórias, moldando um dos pilares da cultura nacional, buscou-se neste artigo fazer a análise de uma obra desse gênero textual levando-se em conta os procedimentos de controle do discurso descritos pelo teórico, com base principalmente na publicação *A ordem do discurso*. A obra abordada na análise, *Primavera em pleno outono: a jovem Olívia faz 80 anos!*, do escritor Wilson Gelbcke, é um relato sobre a vida de Olívia Maia Mazzolli, que desenvolveu em Joinville (SC), sua cidade

natal, um importante trabalho voluntário em prol de famílias socialmente desamparadas.

Pensa-se, portanto, a literatura, assim como explica Schmidt,<sup>3</sup> como uma produção estético-escritural, como uma matéria significativa situada no domínio da cultural, mesma corrente usada nos estudos literários contemporâneos.

## 2 A BIOGRAFIA ATRAVÉS DOS TEMPOS: FOUCAULT E O DISCURSO LITERÁRIO

Como passos iniciais, crê-se significativo fazer um retrospecto do desenvolvimento do gênero textual biografia ao longo da história do conhecimento ocidental, assim como traçar um paralelo entre esse diagnóstico e a perspectiva foucaultiana acerca do discurso como forma de controle e poder, além de notar as inúmeras idas e vindas da biografia como objeto de estudo. Segundo Foucault,

em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.<sup>4</sup>

Esse controle do discurso também se exerce no discurso literário, através do tempo e em todas as sociedades, com

3. SCHMIDT. Centro e margens: notas sobre a historiografia literária.

4. FOUCAULT. *A ordem do discurso*, p. 08-09.

algumas peculiaridades. Tendo em vista o percurso da biografia no mundo ocidental, veem-se registros do gênero já na Antiguidade, quando com a biografia se objetivava enfatizar o caráter político, moral ou religioso da personagem biografada. O efeito moralizante e exemplar e a concepção de grandeza eram os elementos mais importantes.<sup>5</sup> O discurso, por conseguinte, precisava estar fincado na verdade, aspirando respeito e terror, pronunciar a justiça e somente ser pronunciado por quem de direito,<sup>6</sup> de modo a inspirar confiança e a fazer com que o biografado fosse um exemplo a ser seguido. Na época o discurso biográfico tinha o intuito de educar e de transmitir os valores dominantes às gerações futuras,<sup>7</sup> já pensando na questão como forma de controle e ordenação da sociedade.<sup>8</sup> Aqui se destaca a obra *Vidas comparadas*, de Plutarco, por exemplo. Trata-se de 25 pares de biografias, cada um narrando a trajetória de um herói grego e um romano.

Mais tarde, no período medieval, apareceram as hagiografias, cujo propósito consistia em glorificar a Deus pela vida dos santos, além de indicar à humanidade modelos de virtude e de santidade. Viram-se, portanto, o afunilamento do gênero e a relevância da Igreja para a época. Nesse período se nota com muita clareza a grande influência da Igreja em muitos aspectos, como na literatura, tema do presente artigo, e, por consequência, na sociedade como um todo. Logo, podemos considerar tal instituição o que Foucault chama de “sociedades de discurso”. Como o foco do teórico são as instituições

que detêm o poder e, por sua vez, o controlam, são elas que conservam ou que produzem os discursos – instrumento usado com esse intuito –, mas a circulação desses discursos só é liberada num determinado espaço e com regras estritas, como é o caso da Igreja. O discurso é protegido, defendido e conservado em dado grupo.

Com o advento do cristianismo, a biografia até então era utilizada como um recurso para difundir na sociedade os valores religiosos pregados pela religião, tomando por modelo vidas exemplares.<sup>9</sup> Nos dias atuais, a influência da Igreja já não é mais tão potente, embora ainda sejam nítidos seus resquícios. Então, conforme o diagnóstico de Foucault, chega-se à conclusão de que as “sociedades de discurso” já não mais existam, porém ainda ocorrem formas de apropriação de segredos e de não permutabilidade que interferem de maneira preponderante no pensamento ocidental corrente.<sup>10</sup>

Chegando ao Renascimento, ocorreram certas mudanças no processo de criação do gênero. A estrutura da biografia, por exemplo, passou a ser por temas, embora algumas tenham continuado a ser organizadas cronologicamente, e a ênfase era agora em falas e diálogos.<sup>11</sup> Portanto, constatamos aqui que o período foi importante para ressaltar a existência de uma unidade entre as palavras e as coisas, como diz Foucault.

Na Idade Moderna se tem como obra inaugural o romance *Tristram Shandy*, de Sterne. Sua primeira publicação data

5. ALMEIDA. A biografia e o ofício do historiador.

6. FOUCAULT. *A ordem do discurso*.

7. DOSSE. *O desafio biográfico: escrever uma vida*.

8. FOUCAULT. *A ordem do discurso*.

9. DOSSE. *O desafio biográfico: escrever uma vida*.

10. FOUCAULT. *A ordem do discurso*.

11. BURKE *apud* ALMEIDA. A biografia e o ofício do historiador.

de dezembro de 1759. Nesse livro, o autor destaca a extrema fragmentação de uma biografia individual mediante o diálogo entre o protagonista (Tristram), o autor e o leitor. Outra obra de destaque do gênero, também no século XVIII, é *Jacques, o fatalista*, de Denis Diderot, um cético quanto às possibilidades de a biografia captar a essência do indivíduo. O autor aqui também lançou mão do diálogo para dar conta da fragmentação do eu.<sup>12</sup>

Segundo Foucault, nesse período predominava a cultura clássica, marcada pelo desejo humano de classificar o mundo. Então, vemos surgir aqui ciências analíticas, como a taxonomia, a gramática geral, a história natural, que tinham a intenção de investigar minuciosamente seus objetos de estudo. Por isso a preocupação das biografias da época em apreender a essência do indivíduo por meio de sua extrema fragmentação.

Além disso, todo conhecimento precisava ser verificável e útil, além de verdadeiro. Essa vontade de verdade apoiava-se num suporte institucional, reforçado e reconduzido por um conjunto de práticas como a pedagogia, os sistemas de catalogação de livros usados pelas bibliotecas, os laboratórios etc.

A época foi marcada também pelo rompimento da unidade entre a linguagem e as coisas, criando-se o que o teórico chama de “idade da representação”. A representação consiste no elemento que distingue e harmoniza as classificações, levando à ordem. Além disso, viu-se aqui o início do movimento geral em busca da individualização, e o herói da narrativa

biográfica passou a ser cogitado na configuração de uma identidade nacional, em geral representada por um grande homem.<sup>13</sup> Buscava-se então o sentido de Estado-nação, e precisava-se de um representante dessa pátria.

Já no século XIX, o gênero deveria ser científico e artístico, além de uma forma de contribuir para o conhecimento, a crítica e a reflexão de pessoas cultas,<sup>14</sup> porém houve novos interesses por parte do público de biografias, os quais passaram a se mostrar mais curiosos pelos pecados e virtudes dos protagonistas. O apetite biográfico impulsionou o mercado editorial, que publicava então obras longas e com vários volumes, bem como edições baratas de biografias de personagens conhecidas, a fim de atingir o grande público.

Almeida destaca: “Em razão do próprio interesse do público, muitas biografias desmascararam reputações até então intocadas, de modo a exatamente enaltecer as virtudes burguesas e indicar caminhos que não deveriam ser seguidos”.<sup>15</sup> Talvez esse interesse tenha se dado, conforme o pensamento foucaultiano, porque a Modernidade tenha se caracterizado pela busca da estrutura oculta das coisas, sendo instaurada, então, a “idade do homem”.<sup>16</sup>

Na mesma época, a literatura inglesa sofreu influências do período vitoriano, o que se refletiu na biografia, com a exacerbação da história dos grandes homens e o culto do herói. Intencionava-se apresentar homens superiores com atributos

12. SCHMIDT. *Grafia da vida: reflexões sobre a narrativa biográfica*; AVELAR. A biografia como escrita da história.

13. DOSSE. *O desafio biográfico: escrever uma vida*.

14. GAY *apud* ALMEIDA. A biografia e o ofício do historiador.

15. ALMEIDA. A biografia e o ofício do historiador, p. 308.

16. FOUCAULT. *A ordem do discurso*.

essenciais a uma vida gloriosa, e eram salientados a dedicação ao trabalho, a capacidade de sacrifício, a temperança e o sentido de dever. O caráter, como ressalta Gay,<sup>17</sup> era mais importante do que o intelecto. Evitavam-se verdades que denegriam a imagem positiva do protagonista, e a infância era excluída do conteúdo, como se nunca tivesse acontecido. Via-se muito aqui a hipocrisia. Como nota ainda Almeida, “resistir à tentação de expor os personagens à crítica popular em razão de assuntos ‘constrangedores’ era um efeito da civilização e o privado deveria ser mantido intacto. O moralismo biográfico prevaleceu”.<sup>18</sup> Visava-se agora ao futuro, cujo propósito era a constituição de um projeto de cunho universalizador.

Na primeira metade do século XX, há duas obras representativas do gênero. Uma delas é *Orlando*, de Virginia Woolf, que faz uma crítica aos biógrafos por imaginarem que tinham o poder de controlar os eus de um indivíduo, afinal um único eu possui milhares de eus; e a outra é o inacabado *O homem sem qualidades*, de Robert Musil, a qual rejeita a linearidade e procura escapar da ilusão da unidade da vida.<sup>19</sup>

Em 1954, Arsênio Frugoni escreveu sobre o reformador do século XII Arnaud de Brescia na obra homônima, um exemplo de utilização de perspectiva narrativa no estudo de trajetórias individuais. Nos dez capítulos que o livro contém, o autor faz a análise de um conjunto de fontes, do qual se apreende uma imagem diferente da personagem. Ele não

busca sintetizar esses fragmentos em uma imagem totalizadora nem descobrir alguma essência ou unidade. Logo, não dá um sentido geral à narrativa, mas toma partido do fragmento, da descontinuidade do real.

Ainda no século XX, com o modelo macroestrutural da Escola francesa dos Annales, reconheceu-se a biografia pela sua legitimidade como objeto de pesquisa, mas ela ficou restrita à biografia representativa e ao estudo de caso. Houve a diminuição da importância do indivíduo na história, correlacionando-o ao mundo político.<sup>20</sup> Le Goff, um dos grandes representantes desse movimento historiográfico, complementa que a biografia da história nova, sem reduzir as grandes personagens a uma explicação sociológica, esclarece-as pelas estruturas e estuda-as mediante suas funções e seus papéis.<sup>21</sup> Ou seja, por volta de 1980, o gênero biografia retornou à baila com pontos comuns com a nova história política, especialmente francesa, numa renovação do fazer história.

O interesse pelas biografias então passou a girar em torno dos movimentos da sociedade, com foco no individualismo e na liberdade do homem na sociedade e da compreensão de seu papel nela, e do desenvolvimento das disciplinas que investigam o homem em sociedade, como a antropologia, a sociologia e a psicanálise. Com as mudanças nas disciplinas acadêmicas oriundas das crises dos grandes paradigmas, surgiu a curiosidade pelas ditas minorias sociológicas, sem

17. GAY *apud* ALMEIDA. A biografia e o ofício do historiador.

18. ALMEIDA. A biografia e o ofício do historiador, p. 309.

19. SCHMIDT. Grafia da vida: reflexões sobre a narrativa biográfica; AVELAR. A biografia como escrita da história.

20. ALMEIDA. A biografia e o ofício do historiador.

21. LE GOFF. *A história nova*.

contar o efeito do psicológico no percurso do homem na sociedade.

Parecia, por sua vez, essencial transmitir na biografia as estratégias da racionalidade de sistemas como o estruturalismo e, depois, o pós-estruturalismo. Um representante desse pensamento é a obra inglesa de James Boswell, datada de 1971, a respeito da vida de Samuel Johnson. Nesse período, novos métodos de investigação da vida do biografado começaram a ser usados, como documentos e entrevistas, além de se constatar a forte relação de convivência entre o historiador e a personagem. Isso por conta da preocupação em contar a verdade, mediante a dramatização de diálogos.

Vê-se, portanto, que as mudanças que aconteceram no tocante ao gênero textual biografia são o reflexo do desenvolvimento da sociedade no decorrer da história, tendo em vista que a literatura em geral consiste em um espelho do grupo social ao qual ela pertence.

Pode-se perceber que a biografia ao longo da história sempre teve como função essencial identificar modelos exemplares da sociedade, de maneira a utilizá-los no futuro, numa perpetuação daquela figura às novas gerações. Como o propósito geral, de acordo com Foucault, para a todo o momento no ordenamento da sociedade,<sup>22</sup> viu-se na biografia uma chance de reproduzir modelos existentes, os quais devem se manter pelo mais longo espaço de tempo possível.

Ao mesmo tempo, destacam-se como sujeitos históricos nas biografias figuras eminentemente nacionais e regionais particularmente significativas na construção de um ideal de identidade da própria nação ou de uma sociedade local que se constituía. As biografias, ao despertar a imaginação sobre determinados atores, fortalecem a sensibilidade de análise histórica que carrega em seu bojo tanto um imperativo de amnésia social como de glorificação da memória de certos segmentos da sociedade. Se considerarmos os estudos de gênero, por exemplo, conseguiremos perceber que uma das características dessas biografias consiste no fato de sua abrangência ser igualmente limitada a parcelas dos componentes mais ricos ou singulares da população.

### 3 ANÁLISE FOUCAULTIANA DO DISCURSO *PRIMAVERA EM PLENO OUTONO*

A análise aqui exposta tem como base *A ordem do discurso*, do filósofo Michel Foucault. Na obra o autor explica que, se quisermos analisar o discurso em suas condições, jogos e efeitos, é preciso optar por três decisões: questionar nossa vontade de verdade, restituir ao discurso seu caráter de acontecimento e suspender a soberania do significante. Essas três opções são englobadas por dois conjuntos de análise: o conjunto genealógico, pensando em como se formou o discurso haja vista suas normas específicas, os sistemas de coerção e as circunstâncias de aparição, crescimento e variação;

22. FOUCAULT. *A ordem do discurso*.



e o conjunto crítico, baseando-se na prática do princípio da inversão, mostrando a força exercida pelo discurso. Os dois conjuntos diferem apenas quanto ao ataque, à perspectiva e à delimitação; ambos objetivam desvelar o jogo da rarefação imposta com o poder fundamental de afirmação.

Igualmente, propõe-se aqui uma discussão literária, conforme sustenta Schmidt,<sup>23</sup> feita pela perspectiva atual das práticas que envolvem a teoria da literatura, que dizem que o termo *literário* passou com o tempo a ser cada vez mais visto como algo integrado à cultura. Ou seja, trata-se de um campo de produção histórico-social atravessado por diferentes valores, relações e interesses específicos. Por isso, precisa-se pensar a literatura como um fenômeno histórico contextualizado e inserida nos modos de produção material e nos processos sociais concretos.

Por esse viés, aprofundam-se questões sobre a relação da literatura com representações culturais, com modos de subjetivação e com a constituição de identidades, particularmente à luz do reconhecimento das relações saber/poder e poder/saber inscritos nos mecanismos de controle e legitimação do processo de construção das tradições literárias.<sup>24</sup>

Levando em conta tais premissas, foi trazida aqui a narrativa *Primavera em pleno outono: a jovem Olívia faz 80 anos!*, primeira publicação desse gênero textual do joinvilense Wilson

Gelbcke. Trata-se de uma narrativa sobre a vida de Olívia Maia Mazzolli relatada por ela mesma ao escritor. O livro também traz poemas e crônicas de autoria da mulher, além de fotografias dela e de sua família.

Olívia Maia Mazzolli é nascida em Joinville (SC), atuou como professora e também foi funcionária da Receita Federal. Fundou em 1980, juntamente com o seu marido e outros casais do Movimento Familiar Cristão, o Centro de Estudos e Orientação da Família (Cenef), uma entidade sem fins lucrativos que ajuda anualmente com orientações e aconselhamentos centenas de famílias afetadas por problemas de desagregação e crises. A instituição é hoje referência nas áreas de orientação e aconselhamento familiar, psicoterapia, psicopedagogia, pedagogia, fonoaudiologia e assessoria jurídica.<sup>25</sup>

Inicialmente, é importante explicar o porquê da escolha da obra analisada. Após o levantamento feito de narrativas biográficas, constatou-se que a maior parte delas trata de vidas masculinas, reflexo da sociedade machista em que vivemos e da cultura predominante, na qual os homens são caracterizados como o sexo forte, ou seja, servem como exemplares almejados pela sociedade de indivíduos, e as mulheres, portanto, não são dignas de registro. Essa ideia, de acordo com Schmidt, deriva do conceito de família patriarcal, usado através do tempo como uma forma de organização de poder e estruturada hierarquicamente.<sup>26</sup> *A priori* o patriarcalismo foi moldado a um segmento

23. SCHMIDT. Centro e margens: notas sobre a historiografia literária.

24. SCHMIDT. Centro e margens: notas sobre a historiografia literária, p. 129.

25. GROTH. Cenef: entidade faz a defesa da família.

26. SCHMIDT. Centro e margens: notas sobre a historiografia literária.

específico e privilegiado da população, mas veio a se tornar modelo para as relações tanto da esfera pública como da esfera privada, e a literatura e as representações que a cercam não ficaram aquém desse formato, *vide* a quantidade de biógrafos e de biografados que foi encontrada nas pesquisas.

Há também biografias sobre mulheres, mas quando isso acontece elas concernem praticamente em sua totalidade a histórias de religiosas católicas – aqui se vê também o predomínio da Igreja Católica no país, embora este seja tido como um Estado laico. Ademais, as biografias encontradas giram em torno de artistas, políticos e empresários importantes em termos econômicos. Com isso, é possível inferir o jogo de interesses e o fenômeno chamado por Todorov de “concorrência de memórias”.<sup>27</sup> Objetiva-se, segundo essa ideia, não o conhecimento exato do passado, mas o reconhecimento pelos outros de seu lugar na memória coletiva da sociedade a que pertence ou pertenceu a personagem retratada na obra.

Tendo em vista a homogeneização dos tipos a ser biografados na literatura desde a Antiguidade, época dos primeiros registros do gênero textual, são trazidos então Bauman e o seu conceito de cultura. O filósofo polonês compreende cultura como o instrumento da ordem, ou seja, uma espécie de oficina que busca assegurar o padrão estável da sociedade, podendo a liberdade dos elementos que a compõem a fim de garantir a manutenção do padrão da totalidade.<sup>28</sup> Os propósitos da

cultura, para o teórico, são homogeneizar os heterogêneos e unificar os diferentes. Cultura transforma-se num sistema a ser adequadamente apreendido, descrito e representado.

Uma das formas que o referido sistema utiliza para procurar manter essa padronização e homogeneização da sociedade é por meio da literatura, que interfere sobremaneira no processo das representações em razão de conflitos entre os diferentes grupos que compõem a sociedade. Esses diferentes grupos e seus conflitos são responsáveis pela base da cultura do grupo que a carrega: a memória coletiva. Essa memória, assim como as representações, é uma construção, ou seja, a seleção de fatos do passado feita não por especialistas, mas por esses grupos de influência no interior da sociedade, que procuram defender seus interesses.

Candau reflete sobre a questão quando diz que a memória coletiva, por ele chamada de memória compartilhada, é manipulada, como uma estratégia, favorecendo a solidariedade e a mobilização do grupo mediante esse processo permanente de eliminação e escolha dos fatos: o que lembrar e o que esquecer, gerando fenômenos como a amnésia social e a glorificação de representantes de segmentos específicos da sociedade.<sup>29</sup>

Por conseguinte, temos uma das mais importantes funções da memória humana: a capacidade seletiva. Mas, para além

27. TODOROV. As identidades coletivas.

28. BAUMAN. *Ensaio sobre o conceito de cultura*.

29. CANDAU. Memória e identidade: do indivíduo às retóricas holistas.

dessa função prática, a memória pode ser (e é) facilmente manipulável, prestando-se também a fins políticos e ideológicos. Logo, os grupos de poderio econômico, em vista de nossa sociedade capitalista, passam a compartilhar crenças e representações parciais relativas a cada um deles com um único objetivo: o poder. Essa atitude funciona como uma estratégia, favorecendo a mobilização de tais grupos por meio de um processo permanente de eliminação e escolha, sempre com o propósito de demonstrar seu poder e reivindicar seu espaço.<sup>30</sup>

Portanto, há na sociedade um esforço no sentido de se elaborar uma memória oficial, que passa então a ser divulgada em publicações, filmes, músicas e é expressa no que Nora chamou de “lugares de memória”, como monumentos, museus, comemorações.<sup>31</sup> Essa memória, baseada na dialética lembrança e esquecimento, legitima muitas vezes práticas sociais calcadas em princípios de superioridade cultural ou racial. Como afiança o historiador, quanto menos vivida for a memória, mais ela tem a necessidade de suportes exteriores e de referências materiais.

Dessa maneira, pensou-se em trabalhar com o livro *Primavera em pleno outono* por ele fugir do senso comum e por não tratar de pessoas tão corriqueiras nos discursos biográficos. Além disso, biografias que retratam a vida de mulheres

são muito raras, com exceção daquelas que contêm narrativas sobre grandes nomes midiáticos.

Considera-se, igualmente, que se podem perceber os balanços irregulares efetuados sobre o gênero das biografias como mais uma das formas de exercício do poder masculino. Nesse particular, trata-se, a nosso ver, de uma carência que está diretamente relacionada à negação de um direito partilhado de memórias. Afinal de contas, seria preciso modificar o método de reconstituição das histórias não como um direito exclusivo de alguns grupos ou gênero. Basta um simples olhar, como observa Ginzburg, para formas de saber e experiências cotidianas que constituíram no século XIX a noção de patrimônio que era “em parte unitário, em parte diversificado, de homens e mulheres pertencentes a todas as classes sociais”,<sup>32</sup> embora essa realidade não seja colocada em primeiro plano nem se oponha frontalmente, até o presente, às noções enraizadas no senso comum, na historiografia e na literatura de um protagonismo masculino. Como resultado e pelo fato de a maioria dos atores lembrados pela história ser homem, a narrativa adotada nas poucas biografias sobre mulheres aponta para uma complexa tensão que se mantém nos caminhos conjuntos trilhados pela literatura e pela história.

A obra inicia-se com uma introdução, texto em que o autor tem a oportunidade de expor suas motivações para a escrita dessa biografia. Logo, Gelbcke apresenta aos leitores e

30. CANDAU. Memória e identidade: do indivíduo às retóricas holistas.

31. NORA. Entre memória e história: a problemática dos lugares.

32. GINZBURG. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*, p. 167.

leitoras Olívia Maia Mazzolli, a personagem central da narrativa. A primeira metáfora que ele usa para falar da biografada é “um baú de recordações”,<sup>33</sup> o que indica possivelmente uma pessoa tímida, fechada em seus pensamentos e reservada, porém com inúmeras histórias curiosas para contar.

Já no primeiro parágrafo, o autor abusa de adjetivos como “belos exemplos” e “excelentes trabalhos voluntários”, ao ressaltar os feitos da protagonista, numa clara demonstração de admiração pela pessoa de Olívia. Por sua vez, no segundo parágrafo, os adjetivos utilizados para descrever a personagem são “destemida e brava mulher”,<sup>34</sup> numa alusão ao fato de que para uma mulher ser brava e destemida é sinal de respeito e até mesmo de surpresa, principalmente se considerarmos que o autor do texto, nos idos dos seus 60 anos, quando escreveu a obra, foi criado em uma época em que a mulher não tinha voz nem vez. Predominava massivamente um mundo pautado nos feitos dos homens. Por conseguinte, uma mulher ser mais do que uma simples dona de casa naqueles tempos representava uma grande ruptura com o modelo social em voga.

Vê-se também a indicação desse machismo velado no terceiro parágrafo, quando se diz que Olívia, embora tenha exercido o magistério e posteriormente atuado no serviço público, fora seu trabalho voluntário, encontrou “*ainda tempo para sonhar, através de seus poemas repletos de ternura*”.<sup>35</sup> Ou seja, fora suas *obrigações* de mãe, esposa e dona de casa,

ela conseguia arranjar tempo para si. Mais adiante, quando o autor se refere à infância da biografada, afirma: “Já com responsabilidades aos cinco anos de idade”.<sup>36</sup> Aqui se presume que ela cuidava das tarefas domésticas e/ou dos irmãos desde muito nova, porém a indagação que fica é se essas mesmas responsabilidades seriam transferidas a ela se ela fosse um rapaz, por exemplo, sem obrigações, em termos sociais, em relação à casa ou aos irmãos.

Além disso, na introdução Gelbcke anuncia: “Já nas primeiras perguntas que lhe fiz pude sentir que o livro seria escrito a quatro mãos. As respostas de Olívia Maia Mazzolli formam uma autobiografia”.<sup>37</sup> Podemos notar tal fato no decorrer da narrativa, pois são intercalados trechos de depoimentos da biografada. Embora Foucault afirme que uma mesma e única obra literária pode dar lugar a tipos de discurso bem diferentes, não é o que se vê na obra investigada. Tanto autor quanto biografada parecem compartilhar das mesmas ideias, talvez por ambos terem idades parecidas, terem nascido na mesma cidade e terem origens semelhantes. Observa-se, no entanto, que as falas de Olívia são mencionadas literalmente para que haja a repetição, proposital, como uma confirmação do que se diz. O segundo discurso, para Foucault, é uma possibilidade aberta de fala, cuja função é dizer o que estava articulado silenciosamente no texto primeiro, permitindo-lhe dizer algo além do texto, mas com a condição de que o texto

33. GELBCKE. *Primavera em pleno outono: a jovem Olívia faz 80 anos!*, p. 07.

34. GELBCKE. *Primavera em pleno outono: a jovem Olívia faz 80 anos!*, p. 07.

35. GELBCKE. *Primavera em pleno outono: a jovem Olívia faz 80 anos!*, p. 07, grifo nosso.

36. GELBCKE. *Primavera em pleno outono: a jovem Olívia faz 80 anos!*, p. 07.

37. GELBCKE. *Primavera em pleno outono: a jovem Olívia faz 80 anos!*, p. 07.

38. FOUCAULT. *A ordem do discurso*.

seja dito e de certo modo realizado.<sup>38</sup> Ou seja, a repetição dá veracidade ao que é dito.

O prefácio, de autoria de Mirna de Liz Holetz, sobrinha de Olívia, é derivado de uma saudação à biografada por ocasião do seu aniversário do ano 2000. Já no título, “A tia em que eu queria me espelhar”,<sup>39</sup> pode-se perceber a admiração da sobrinha para com a tia, e isso fica bastante explícito também no desenrolar do texto. Mirna conta que a tia nasceu em maio, enfatizando ser aquele o mês dedicado às mães; provavelmente por isso os dons maternos da protagonista, conforme a sobrinha. Na continuação, a autora segue falando de sua relação, e a de seu marido e seus filhos, com a tia. Vê-se aqui, então, mais uma vez a retórica advinda da ideia patriarcal de que um dos papéis sociais que envolve a mulher é a reprodução. Ser mãe consistiria na função natural da mulher no horizonte idealizado de uma ideia de família patriarcal.<sup>40</sup> É importante lembrar que Olívia não teve filhos biológicos, mas adotou os filhos que o marido teve em seu primeiro casamento, por talvez crer que a maternidade é inata à mulher.

Auxiliar do médico no século XVIII, colaboradora do padre e do professor no século XIX, a figura feminina, para Badinter, se desenvolveu pelos séculos “alienada” pelo e para o homem, sendo feita não para si mesma, mas para agradar ao marido, cedendo e suportando até mesmo a injustiça e, quando mãe, pronta a viver pelo e para o filho.

Feita para sofrer e gostando disso, a mulher não pode encontrar melhor ocasião de exercer seus dons do que na maternidade. O papel de esposa, muito necessário, não bastará à plena realização de sua feminilidade. Para que uma mulher cumpra a sua vocação, é preciso que seja mãe.<sup>41</sup>

Trata-se, destarte, do mito da maternidade, concebida no século XIX como um sacerdócio, ideia que repercute ainda hoje: um real sacrifício de si mesma, a fim de se adequar, porém, entre a natureza da mulher e a função de mãe.

É interessante destacar o trecho: “Foi acima de tudo mãe, pelo amor, carinho, compreensão e apoio que, generosamente, seu querido Humberto *permitted* que continuasse a dedicar àqueles a quem acolheu”.<sup>42</sup> O verbo *permitted* usado na citação é uma nítida confirmação de que Olívia e a sobrinha tenham vivido num tempo em que, novamente como já observado antes, a mulher precisava da permissão do pai e, mais tarde, do marido, para abrir espaços de voo.

O narrador, para dar início à biografia propriamente dita, traz o contexto sociocultural da década de 1920 como pano de fundo para introduzir a personagem central da obra, nascida em 1924. Ao citar pela primeira vez a biografada, fala da sua filiação, relatando mais detalhadamente sua ascendência materna, numa alusão de que, para entendermos uma pessoa de maneira mais completa, precisamos saber de suas

41. BADINTER. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*, p. 249.

42. GELBCKE. *Primavera em pleno outono: a jovem Olívia faz 80 anos!*, p. 09, grifo nosso.

39. GELBCKE. *Primavera em pleno outono: a jovem Olívia faz 80 anos!*, p. 09.

40. SCHMIDT. Centro e margens: notas sobre a historiografia literária.

referências e de seu *background*. Na primeira fala de Olívia, ela conta brevemente sobre o romance vivido pelos seus avós por parte de mãe:

Não conheci meu avô Paul Oscar, mas sei por intermédio de minha mãe e de poesias e desenhos de sua lavra que era homem culto e fino. Ele imigrou para Joinville com apenas 18 anos de idade, porque tinha asma e procurava lugares mais quentes para viver. Aqui ele sentiu falta de sua amada, que deixara na Alemanha. E foi buscar a meiga Ulrica, mulher muito simples e sem cultura.<sup>43</sup>

Com essa fala, é possível observar que a visão que Olívia Maia tem a respeito de cultura é a mesma que nos foi imposta por muito tempo, tal e qual conceituada por Bauman. Cultura é como sinônimo dos conteúdos que se aprendem na escola, sendo excluídas todas as facetas não oficiais e não institucionalizadas, numa clara tentativa de se manter o padrão estável da sociedade e sua homogeneização. Mesmo quando se passa a falar da cultura como um bem simbólico, como um direito e como valor econômico, a cultura feminina continua a ser muitas vezes sublimada.

O narrador segue contando sobre os avós de Olívia e de como se desenrolou sua história no Brasil após terem imigrado da Alemanha, e especialmente sobre a mãe, Frida. A família de Frida, ao estabelecer-se no Brasil, abriu uma pousada em

Pirabeiraba, distrito do município de Joinville. Nesse pequeno hotel a mulher conheceu “Eleutério Júlio da Maia, um caboclo bem brasileiro, descendente da família Gonçalves da Maia”.<sup>44</sup>

Com essa passagem, podemos verificar a presença do mito das três raças, que por longo tempo se tentou forjar como marca da identidade nacional. Ou seja, o brasileiro era o resultado da mistura dos três grupos que se encontravam no território nacional e de suas influências culturais: o europeu, por intermédio da colonização e imigração ao país; o africano, que veio ao Brasil em decorrência do regime escravagista; e o índio, que já ocupava essas terras desde antes da chegada dos portugueses. Logo, se o pai de Olívia era “um caboclo [filho de índio com branco] *bem brasileiro*” (grifo nosso), ele era prova viva dessa mistura de raças. Eleutério tinha sangue indígena, oriundo dos primeiros habitantes das terras brasileiras; e também sangue europeu, da porção civilizada.

O narrador, ao descrever a família que Frida e Eleutério construíram, afirma que ela “sempre soube lutar para educar os filhos, sem esmorecer para vencer os duros obstáculos da época”.<sup>45</sup> Então, nota-se nesse trecho o grande valor que a educação tem tanto para o narrador quanto para a biografada, por crer ser relevante dividir essa informação com o biógrafo e com o leitor.

A importância da educação formal/escolarizada e o apreço que temos por ela perpassam-nos até os dias de hoje. A

43. GELBCKE. *Primavera em pleno outono: a jovem Olívia faz 80 anos!*, p. 15.

44. GELBCKE. *Primavera em pleno outono: a jovem Olívia faz 80 anos!*, p. 18.

45. GELBCKE. *Primavera em pleno outono: a jovem Olívia faz 80 anos!*, p. 18.

cada ano que passa, maiores ficam as exigências em relação aos estudos. Não importam os sacrifícios a serem feitos, o estudo deve sempre vir em primeiro lugar. A sociedade brasileira, construída aos moldes europeus, por conta da colonização majoritariamente portuguesa, que começou nos idos de 1500, vê o grau de escolaridade como reflexo de cultura e, por conseguinte, de evolução. Ou seja, quanto maior o grau de escolaridade de determinado indivíduo, mais elevado é o seu *status* perante a sociedade, o que nada tem relação nessa situação com poderio econômico. Escolaridade, para a civilização ocidental, é sinônimo de *status* social. Fora isso, baseamos nossa educação no modelo da Europa, trazendo novamente o pensamento da elite dominante de que o europeu é o civilizado e, por isso, deve servir como espelho, facilitando o caminhar em direção ao progresso, tão almejado pelos setores brasileiros.

Trazemos, porém, da cultura dominante não apenas o modo de pensar a educação no país. Kothe, em sua obra *O cânone colonial*, discute sobre o assunto por meio de uma reavaliação da herança colonial como imposição de uma identidade externa. A interferência europeia e, no caso brasileiro, especificamente portuguesa, tornou-se intrínseca ao povo brasileiro, não sendo mais percebida, portanto, como um discurso que vem de fora. Além disso, foi imposta uma identidade a esse grupo que na grande maioria dos casos não era a sua, o que também ajudou no assujeitamento. Passou a ser

natural ser o outro, não sendo possível agir com autenticidade, por não saber como fazê-lo, talvez. O Brasil, conforme o autor, foi formado pela ótica da oligarquia latifundiária luso-brasileira. Então, mediante uma política sistemática de assimilação, em vez de integração, houve o aniquilamento da língua e da cultura de diversos grupos sociais, como os índios e os negros, restando àqueles que foram vítimas da situação a identificação com o novo sistema, ou a emigração. Afinal, o reducionismo para os que detêm o poder é sinônimo de avanço e progresso, pois a sua cultura é a única válida e possível. Esse pensamento predominante perdura, na perspectiva de Kothe, até os dias de hoje, mas não por seu valor, e sim por ter força suficiente para impor-se de modo contínuo. Impõe-se como válido o que corresponde às necessidades políticas do partido dominante, ou seja, a versão dos fatos adequada aos interesses hegemônicos em certo momento e lugar.

Por essa razão, o brasileiro sempre se viu e foi visto como atrasado, numa constante comparação com o europeu, o outro, num claro menosprezo por sua história e sua gente. O Brasil, por ser considerado e por considerar-se país em desenvolvimento, investiu ao longo de sua história em cursos técnicos e profissionalizantes, cujo único objetivo é preparar profissionais para os setores terciários do mercado de trabalho, também conhecido como prestação de serviços. Mão de obra qualificada, para os governantes do país, sempre foi equivalente de progresso. Essa ideia perpetua-se desde 1500,

e atualmente, com as novas propostas governamentais, percebe-se que tal pensamento continua o mesmo. Portanto, educação aqui é vista como algo duro, trabalhoso, mas compensador, por ser garantia de renda e de elevado *status* social.

Sobre essa crença que temos a respeito de educação, Foucault também declara que ela, embora seja de direito, por ser o instrumento que dá ao indivíduo acesso a todos os tipos de discurso, está marcada pela distância, pelas posições e pelas lutas sociais. A educação, assim como o discurso, não é neutra nem isenta de parcialidade: “Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo”.<sup>46</sup>

A questão é reforçada com um depoimento de Olívia sobre o pai, gerente de um engenho de erva-mate que acabou ficando desempregado por conta da queda do mercado do mate, causando por isso problemas financeiros à família. “Mas a união da família e a garra de minha mãe supriam as dificuldades, com muito trabalho e confiança”.<sup>47</sup> Aqui podemos inferir a crença da importância de uma família unida para Olívia, já que pela fala se constata que, se não fosse por essa união, provavelmente eles não teriam sido bem-sucedidos ao enfrentar tais problemas.

É interessante observar que o narrador primeiramente descreve toda a família materna de Olívia, começando por

seus avós, sua imigração ao Brasil, a vinda ao mundo dos filhos e depois como a mãe da biografada conheceu o pai. Também fala um pouco dos irmãos de Olívia só para, depois disso, narrar um pouco da história do pai, Eleutério. De qualquer forma, os únicos fatos mencionados acerca dele têm relação com sua vida profissional e política, não sendo citados detalhes a respeito de seu relacionamento com os filhos, por exemplo, ou com a esposa, ao menos no primeiro capítulo da obra, como se ele fosse menos importante do que a mãe para a *história* da biografada.

O fato de o autor ter tratado tal tema da forma como fez reflete o pensamento da sociedade de que o pai, homem da família, tem como função prover a família, trazer dinheiro para casa e ser responsável por seu sustento, principalmente no começo do século XX, época do início da nossa história, quando eram pouquíssimas as mulheres no mercado de trabalho e o direito ao voto ainda era restrito aos homens. Não se sabe, por exemplo, se a mãe de Olívia se envolvia com política ou não, mas isso não era relevante, então é algo que não vale a pena ser mencionado.

É importante inferir aqui também a diferença de nacionalidade dos pais de Olívia, talvez por isso a ênfase na história da mulher em detrimento da do pai. Embora os dois tenham nascido em terras brasileiras, Frida era descendente direta de europeus, vistos como os civilizados e evoluídos, grupo em

46. FOUCAULT. *A ordem do discurso*, p. 44.

47. GELBCKE. *Primavera em pleno outono: a jovem Olívia faz 80 anos!*, p. 18.



que se quer espelhar, enquanto Eleutério era descendente de índios, bárbaros e involuídos, que precisavam ser adestrados. Assim, não havia necessidade de adentrar na história paterna, por ela talvez não ter nada a acrescentar.

Verifica-se ainda nessa questão o fato de na cidade de Joinville ser muito proeminente o discurso da tradição alemã, numa tentativa de se forjar uma história singular e identidade para o município. De fato, Joinville recebeu em 1851, ano de sua fundação, as primeiras levas de imigrantes, em sua grande maioria alemães, mas também suíços e noruegueses. Todavia, essas terras já eram ocupadas por indígenas e africanos escravizados – grupos que foram apagados da história oficial municipal. Então, o destaque especial que o autor dá à família de Frida, tipicamente de imigrantes europeus, no discurso biográfico analisado vem ao encontro do discurso oficial que se procura manter sobre Joinville, reforçando a ideia de uma cidade cuja identidade é a alemã.

Na sequência, ao ser trazida uma fala de Olívia concernente aos envolvimento políticos do pai, ela aborda o que lembra de sua infância quanto a esse assunto e expressa o seu pensamento atual no tocante a ele. Ou seja, só depois de adulta, mulher feita, pôde revelar seu ponto de vista referente a uma situação que já havia ficado no passado.

Num único parágrafo que trata do relacionamento de Eleutério com os filhos – nada é dito sobre o relacionamento

homem e mulher –, o narrador diz: “Era homem extremamente ligado à família. De fortes princípios morais, não admitindo certas liberdades que se observa hoje em dia”.<sup>48</sup> O narrador demonstra não concordar com a flexibilidade na educação familiar, ao questionar “certas liberdades que se observa hoje em dia”, ao colocar em xeque as “liberdades” que se têm hoje em dia como contrárias aos princípios morais preestabelecidos.

É significativo ressaltar que o narrador, aquele que conta a história, já é um senhor de idade, criado em um regime rígido, que sofreu décadas depois com a ditadura militar, e num mundo em que o homem tinha vez e voz, em detrimento da mulher. Ademais, tem-se presente ainda a questão de o biógrafo ser homem e se dispor a narrar a história de uma personagem mulher. Por toda a criação diferente entre homem e mulher, dependente ainda da posição social, é impossível o assunto feminino *versus* masculino não vir à tona nas falas da personagem ou na narrativa do autor. Enquanto o homem tem o mundo aos seus pés e acesso ilimitado a ele, o mundo feminino sempre foi muito menor e mais restrito. Era permitido à mulher apenas o que o pai e, posteriormente, o marido acreditavam que era o melhor, levando-se em conta a opinião da sociedade. Quando muito, a mulher podia se manifestar a respeito de temas sociais e morais.

Todavia, Foucault salienta que o discurso dito permanece dito e ainda está por dizer, como se fosse uma releitura.<sup>49</sup>

48. GELBCKE. *Primavera em pleno outono: a jovem Olívia faz 80 anos!*, p. 21.

49. FOUCAULT. *A ordem do discurso*.

Assim, o discurso analisado no presente artigo foi dito em 2004, ano de lançamento da obra estudada e, portanto, marcado num tempo. Haverá, por conseguinte, a repetição desse discurso indefinidamente, como se esse pensamento fosse a vontade de verdade. Ele pode ser compartilhado por alguns, mas é temeroso afirmar que o mesmo pensamento é comum a todos os que viveram na época em que o livro foi escrito. O discurso é decorrente de um jogo de vontades e de interesses e produzido num determinado tempo histórico. Então, resta ao leitor, nesse caso, ter atenção sobre o que é dito, para que aquilo que lê não seja transformado em verdade única.

Na sequência, num depoimento de Olívia, ela fala da casa em que ela e sua família moraram de 1925 a 1937: “É o casarão hoje desvirtuado (virou casa de pagode, ou coisa parecida), na esquina da rua Procópio Gomes e Plácido Olímpio (rua Ipiranga em nosso saudoso tempo)”.<sup>50</sup>

É curioso notar aqui dois pontos do trecho do relato. Primeiramente, que o casarão em que morou, conforme seu pensamento, na atualidade está *desvirtuado*, isto é, marcado por um novo uso, que deixou de ser uma habitação familiar e está *virado em casa de pagode, ou coisa parecida*, conforme o juízo crítico da biografada. Vê-se que Olívia não concorda com a mudança de uso do espaço, muito menos com casas de pagode.<sup>51</sup> Pagode, talvez por ser um estilo musical oriundo do movimento negro e dos escravos, associou-se desde a sua

origem a classes mais baixas da sociedade, o que se choca bastante com a realidade dos anos 1920 e 30 em Joinville, cidade em que à época havia o predomínio de imigrantes alemães, suíços e noruegueses, todos de pele e cabelos claros. Portanto, o preconceito está presente nessa fala, veladamente, porém.

Como assegura Bauman, tudo o que está à margem da sociedade, que se expande nas fronteiras, assusta.<sup>52</sup> Com novas possibilidades, é mais difícil constituir a ordem e a padronização da sociedade, abrindo brechas para outros tipos de conduta. Além disso, a existência de passagens de fronteira sem controle equivale ao colapso do sistema, isto é, à quebra da forma de subordinar a liberdade dos elementos à “manutenção de padrão” da totalidade.

O outro ponto a ser destacado é o fato de o pagode caracterizar um aspecto cultural de origem africana, conferindo a esse grupo uma identidade. Pensando aqui a questão da identidade nacional, não podemos esquecer que esse campo não está isento de disputas nem de imparcialidade. Ou seja, precisa-se ter cuidado com o que vai se propagar a respeito de determinado grupo, tendo em vista que, pela tendência da homogeneização de um grupo social, todo aquele conjunto pode ficar marcado por uma característica específica, entretanto que nem sempre reflete a realidade dos fatos. Olívia questiona padrões culturais diversos da matriz europeia como o pagode, por romper com uma hegemonia cultural e historicamente marcada.

50. GELBCKE. *Primavera em pleno outono: a jovem Olívia faz 80 anos!*, p. 21.

51. Pagode é um estilo musical parecido com samba, cuja origem remonta à cidade do Rio de Janeiro em fins da década de 1970. O termo *pagode* oriunda de festas que aconteciam nas senzalas de escravos negros e quilombos, à época da escravidão no Brasil, e como vertente musical nasceu às margens dos acontecimentos musicais dos meios de comunicação do país.

52. BAUMAN. *Ensaaios sobre o conceito de cultura*.

Além disso, considerando que os europeus são vistos ao longo dos séculos como os superiores e civilizados, servindo de modelo a ser seguido pelos demais, qualquer outro elemento cultural originado em culturas que não estão em conformidade com as características ditas civilizadas não deve ser multiplicado nem incentivado. É o caso das danças e das músicas do pagode, derivadas das tradições africanas.

Em segundo lugar, Olívia refere-se à antiga rua em que morava como “em nosso saudoso tempo”.<sup>53</sup> Declara, portanto, que sente saudades de um tempo que já passou, que ficou para trás, uma tendência muito comum, sobretudo dos mais velhos, que afirmam que tudo em seu tempo era melhor do que nos dias atuais. É comum ouvirmos a frase “no meu tempo não era assim”, ou “naquele tempo que era bom”, já que as pessoas são nostálgicas e tendem a esquecer – ou querem não lembrar – coisas ruins, guardando nas lembranças apenas o que aconteceu de bom.

É curioso constatar que, ao longo da narrativa apresentada no livro, se destacam acontecimentos felizes e nostálgicos, com a ideia de um passado romântico, haja vista que existe a tendência de romantizar o que passou, não lembrando, talvez propositalmente, as coisas ruins ou aqueles problemas corriqueiros por que todos passam. Vê-se no decorrer da obra uma vida carregada de afeto, sensibilidade e bons momentos.

A ideia do passado paradisíaco vem à tona, assim como a questão do que se quer lembrar e do que se quer esquecer.

Foucault indaga o que há de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente.<sup>54</sup> O perigo não está no que é falado, porém na intenção com que se fala. Afinal, nem sempre se retrata a realidade dos fatos, ou se rememora aquilo que se acredita importante e que vale a pena ser repassado adiante, numa tentativa de moldar o futuro e os indivíduos que dele farão parte. Se para tudo há uma intenção, seja ela positiva, seja negativa, resta a nós, leitores, refletir sobre o que é dito para que o discurso não seja utilizado tal e qual um instrumento de verdade e manipulação de poder.

Desse modo, tratando-se de literatura, concordamos com Schmidt quando afirma que não é possível considerar as histórias literárias como ponto de vista de seus critérios de veracidade ou correspondência entre história e narrativa somente.<sup>55</sup> Faz-se necessário apontar questionamentos acerca dos conhecimentos que são gerados nessas histórias por seus constructos e quanto aos interesses que os cercam.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É consenso entre os pesquisadores do campo do patrimônio cultural que a característica principal e mais marcante de qualquer grupo social é a língua. Esta é o primeiro elemento

53. GELBCKE. *Primavera em pleno outono: a jovem Olívia faz 80 anos!*, p. 21.

54. FOUCAULT. *A ordem do discurso*.

55. SCHMIDT. Centro e margens: notas sobre a historiografia literária.

de identificação de um grupo social e determinante da composição da identidade cultural. Comum a milhões de pessoas, trata-se de parte preciosa da identidade e cultura essencial, afinal por ela se torna possível o domínio dos códigos comuns que permitem entender o mundo.

Por isso, deve-se compreender que a língua passa a ser uma força designista da mentalidade do grupo que a utiliza, pois vem carregada de sentidos e símbolos próprios desse grupo. Um dos usos mais comuns e relevantes da língua é a literatura, ou seja, o conjunto de obras literárias de reconhecido valor estético de um país e transmissor de determinada visão de mundo.

Tendo em vista que o discurso literário é um dos discursos com que Foucault se preocupa, e que a literatura consiste numa das formas de descrever memórias, moldando um dos pilares da cultura nacional, buscou-se neste artigo fazer a análise de uma obra do gênero textual biografia levando-se em conta os procedimentos de controle do discurso descritos pelo teórico, com base na publicação *A ordem do discurso*, de maneira a inferir como o discurso literário, exclusivamente a biografia, interfere no pensamento de determinado grupo social. Ainda, traçou-se a retrospectiva da origem e do desenvolvimento do gênero biografia, intercalando-a à perspectiva foucaultiana, a fim de constatar as adaptações do gênero ao longo do tempo.

A obra escolhida para análise foi *Primavera em pleno outono: a jovem Olívia faz 80 anos!*, do escritor Wilson Gelbcke, que

traz um relato sobre a vida de Olívia Maia Mazzoli, que desenvolveu em Joinville (SC), sua cidade natal, um importante trabalho voluntário em prol de famílias carentes de ajuda. Perceberam-se as inferências que autor e biografada fazem a respeito de cultura, identidade, imigração e memória na narrativa, que traça um panorama geral da vida de Olívia até os seus 80 anos, contando suas histórias e a história da sua família, começando com o relato da imigração de sua mãe ao Brasil.

Uma vez que em muitos momentos ao longo da história do gênero o biografado passou a ser cogitado como modelo de virtude e até mesmo como a representação da identidade nacional, estranha-se quando a narrativa se dedica exclusivamente a contar a história da vida de uma mulher, como foi o caso da obra selecionada aqui para análise, principalmente tendo essa mulher vivido no século XX, período no qual as mulheres tinham papéis socioculturais limitados em razão da prevalência do modelo familiar patriarcal.

Essa questão de gênero, por exemplo, apareceu por diversas vezes ao longo da análise parcial da biografia, talvez pelo fato de se tratar de uma obra escrita por um homem sobre uma mulher, o que acaba revelando, mesmo que indiretamente, as diferenças de gênero impostas pela sociedade e pela época. Assim, é necessário que o leitor perceba a construção das narrativas biográficas como uma arena de disputa e como um campo de força de agentes sociais desiguais.<sup>56</sup>

56. THOMPSON. *Tradición, revuelta y conciencia de clase*.

Foram verificados na obra, ainda, preconceitos velados e tentativas de apagamento de parcelas da população, com o propósito, também velado, de manter a hegemonia e a “pureza” da identidade regional, com o intuito de se forjar uma identidade regional e uma história singular para o município de Joinville, que insiste em manter uma tradição única, aqui a alemã, embora já se tenham registros de que o grupo de imigrantes e habitantes da cidade era muito mais variado. Veem-se claramente, portanto, apagamentos a fim de sustentar a história oficial.

Tendo em vista que Foucault afirma que o indivíduo que se põe a escrever um texto escreve conforme sua época e tal como ele a modifica, esta análise seria outra caso fosse escrita por um homem, por exemplo, ou em outro século, outra criação, ou outras visões de mundo.

Pode-se concluir, pelo visto até aqui, que os desafios no campo da biografia vão na direção de repensar modelos já consagrados, considerados por traços nem sempre originais para uma sociedade com identidades e culturas diversas. Isso se reflete, por exemplo, na permanência de um olhar unilateral e linear tanto pela história como pela literatura. Isso significa a ampla circulação de narrativas biográficas que raramente permitem transformações em seus significados, seus atores ou reconheça o caráter mutante da cultura. De qualquer maneira, como bem aponta a voz dissonante de Florbela Espanca, no seu

poema “Ruínas”, os caminhos futuros são possíveis pelo contínuo reconstruir de visões que se pensam como imutáveis.<sup>57</sup>

Se é sempre Outono o rir das Primaveras,  
Castelos, um a um, deixa-os cair...  
Que a vida é um constante derruir  
De palácios do Reino das Quimeras!<sup>58</sup>

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Francisco Alves de. A biografia e o ofício do historiador. **Dimensões**, Vitória, v. 32, 2014, p. 292-313. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/viewFile/8338/5916>>. Acesso em: 20 mar. 2016.
- AVELAR, Alexandre de Sá. A biografia como escrita da história: possibilidades, limites e tensões. **Dimensões**, Vitória, v. 24, 2010, p. 157-172. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/download/2528/2024>>. Acesso em: 17 mar. 2016.
- BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Tradução de Waltersin Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- CANDAU, Joël. Memória e identidade: do indivíduo às retóricas holistas. In: CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Leticia Pereira. São Paulo: Contexto, 2011. p. 21-57.

57. Poetisa portuguesa. No início do século XX, foi uma das primeiras mulheres a frequentar o curso secundário. Foi poetisa, tradutora, contista, professora de português e colaborou com inúmeros jornais e revistas.

58. ESPANCA. *Poemas seleccionados*.

DOSSE, François. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Edusp, 2015.

ESPANCA, Florbela. **Poemas seleccionados**. Lisboa: Atlântico Press, 2012.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Franga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

GELBCKE, Wilson. **Primavera em pleno outono**: a jovem Olívia faz 80 anos! Joinville: Letradágua, 2004.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GROTH, Marlise. Cenef: entidade faz a defesa da família. **AN Cidade**, Joinville, 19 mar. 1999. Disponível em: <<http://www1.an.com.br/1999/mar/19/0cid.htm>>. Acesso em: 23 nov. 2016.

HUYSEN, Andrew. Passados presentes: mídia, política, amnésia. In: HUYSEN, Andrew. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumentos, mídias. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000. p. 9-40.

KOTHE, Flávio. Cãnone e valor. In: KOTHE, Flávio. **O cãnone colonial**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997. p. 103-140.

LE GOFF, Jacques. **A história nova**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, dez. 1993, p. 7-28.

SCHMIDT, Benito Bisso. Grafia da vida: reflexões sobre a narrativa biográfica. **História Unisinos**, São Leopoldo, v. 8, n. 10, 2004, p. 131-142.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Centro e margens: notas sobre a historiografia literária. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 32, jul./dez. 2008, p. 127-141. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/2003/1582>>. Acesso em: 8 out. 2017.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Refutações ao feminismo: (des) compassos da cultura letrada brasileira. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 14, n. 3, set./dez. 2006, p. 765-799. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v14n3/a11v14n3.pdf>>. Acesso em: 8 out. 2017.

THOMPSON, Edward. **Tradición, revuelta y conciencia de clase**. Barcelona: Crítica, 1989.

TODOROV, Tzvetan. As identidades coletivas. In: TODOROV, Tzvetan. **O medo dos bárbaros**: para além do choque das civilizações. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.